

**TEMAS DE CRÍTICA LITERÁRIA PARA O JORNALISMO-LITERÁRIO:
UMA BREVE PANORÂMICA SOBRE O ASSUNTO**

Cyntia Belgini ANDRETTA¹

ABSTRACT: What's literature? Is based on the term "fiction"? How he would be the journalism-literary one in this concept? The article intends to justify "the literary" heading of a sort that blunted since the start of century XX with names as John Hersey (Hiroshima), Truman Cloak (Cold blood), Fernando Moraes (Olga), among others, without counting the periodic ones that the facts of the reality believed a literary art to count themselves. The article intends to analyze as critical the literary one if it locates before these questions, besides showing a historical briefing on the journalism-literary one and citing examples of the work with the language in the three cited romance-news articles.

Problema

A história do jornalismo é sabidamente uma fusão com a literatura. Desde antes da invenção de Gutenberg e o avanço da imprensa, o gênero literário epistolar era emprestado para a propagação e difusão de notícias. E, ao mesmo tempo, a literatura, por não funcionar só como deleite artístico, também contextualiza o momento histórico, funcionando como uma comunicadora que ultrapassa o atual, sobrevivendo mais do que alguns dias, como acontece com o jornal. Essa idéia de literatura já foi trazida por Horácio, em sua obra *Ars Poet*: “Tem todos os votos quem misturou o útil ao agradável, deleitando e, ao mesmo tempo, instruindo o leitor” (1994: 343-344).

Com John Reed, em *Os dez dias que abalaram o mundo* (1917), entre outras obras biográficas, as técnicas jornalísticas começam a invadir o mundo dos livros, que poderia ser somente dos ficcionistas. Ainda depois disso, mais precisamente em 31 de agosto de 1946, a revista *The New Yorker* publica uma edição especial sobre a bomba atômica que caiu na cidade de Hiroshima, no Japão, matando mais 100 mil pessoas por ocasião da Segunda Guerra Mundial. Não se tratava de uma simples reportagem, mas sim de um trabalho de apuração e combinação exata das palavras. A grande reportagem, 40 anos mais tarde, tornou-se um livro-reportagem, pois o autor volta a entrevistar os seis sobreviventes que foram seus personagens em 1946, que reconstituíram o que faziam e como foi que viveram o momento da bomba e os seguintes. Com o retorno do autor para o local, depois de quase meio século, há a recuperação dessas fontes e ele termina a obra

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária; Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) – Unicamp. Bolsista Fapesp (05/58733-7). *E-mail:* cyntiaba@yahoo.com.br

contando como as vidas dessas pessoas continuaram depois da terrível *rosa de Hiroshima*.

Os livros-reportagem adquirem ainda mais força entre os jornalistas. Essa idéia de “fazer romance” povoava o imaginário da geração da década de 1960, conforme relata Tom Wolfe, que pertenceu à corrente dos que se auto-denominavam “jornalistas-literários”:

No começo dos anos 60, uma curiosa idéia nova, quente o bastante para inflamar o ego, começou a se insinuar nos estreitos limites da *statusfera* das reportagens especiais. Tinha um ar de descoberta. Essa descoberta, de início modesta, na verdade, reverencial, poderíamos dizer, era que talvez fosse possível escrever jornalismo para ser... lido como um romance. *Como* um romance, se é que me entendem. Era a mais sincera homenagem a O Romance e àqueles grandes, os romancistas, claro. Nem mesmo os jornalistas pioneiros nessa direção duvidavam sequer por um momento de que o romancista era o artista literário dominante, agora e sempre. Tudo o que pediam era o privilégio de se vestir como ele... (Wolfe, 2005: 19, grifos do original).

Nesse embalo, em 1965, Truman Capote escreve *A sangue frio*. O *argumentum* desse romance aparece com uma notícia que Capote lê no jornal, uma família inteira havia sido assassinada em uma pacata cidade do Kansas, sem aparente motivo algum. Isso chamou a atenção do repórter e ele passou mais de um ano colhendo depoimentos, acompanhando o caso, conversando com os assassinos para, enfim, traçar o perfil psicológico das fontes que se transformaram em personagens do seu romance, que ele próprio chama de “romance de não-ficção”: “Truman Capote batizou seu livro de ‘romance de não-ficção’. Para ele, jornalismo era apenas fotografia literária”, conta Ivan Lessa (2003: 11), na apresentação da edição brasileira do livro.

Porém os limites entre ficção e real, entre literatura e jornalismo, entre romance e reportagem parecem ficar cada vez mais estreitos a ponto de alguns jornalistas-literários, já na década de 1980, tentam reivindicar o atestado de verdadeiros, de realistas, de reconstrutores do passado, de escritores do real e não do ficcional, como acontece, por exemplo, com Fernando Morais, que se defende logo nas primeiras linhas da apresentação do livro *Olga*: “A história que você vai ler agora relata fatos que aconteceram exatamente como estão descritos neste livro [...]” (1994: 9).

Citamos somente esses três livros, mas poderíamos enumerar mais um monte, porém acredito que esses foram marcos e podem constextualizar bem os vários momentos do jornalismo-literário. Essa corrente, inclusive, coloca-nos um problema: isso tudo é literatura? Os jornalistas já começaram a estudá-lo como gênero jornalístico: Lima (1993), Ferreira (2004), Medina (1990), Kunczik (2001), Melo (2003) já admitem, há muito, existir o que eles chamam de “Novo Jornalismo”, uma variação do termo “jornalismo-literário”, mas até então a rubrica “literário” ficou esquecida ou pouco explorada.

Pudera, porque para remexer nesse conceito, é necessário enveredar pelo próprio conceito de literatura. Se tomarmos a definição costumeira de que a literatura se faz por obras de ficção, chegaremos à estranha constatação de que usaram equivocadamente o termo e que os romances-reportagens nunca fizeram parte do escopo literário. Desconfiada dessa primeira análise, pois as obras de jornalismo-literário possuem algo a

mais do que uma grande reportagem, parto para alguns conceitos literários que ajudam a esclarecer, ao menos em parte, visto que se trata de um trabalho ainda em desenvolvimento, a questão literária.

Fundamentação teórica e análise dos dados

A literatura desde sempre transmitiu mais que um deleite, ela representava, por meio do deleite, uma condição social, uma história, a cultura do povo. Penso que mesmo quando surgiram movimentos ligados à “arte pela arte”, ainda aqui havia uma manifestação, uma inquietude ligada ao momento real em que os autores viviam. Assim também foi com a *Ilíada*, a *Odisséia* e outras obras que foram encaixadas no chamado cânone literário. Assim também os textos do jornalismo-literário possuem uma “utilidade” para atualizar e informar a sociedade de modo mais crítico e profundamente desenvolvido em um tema, como acontece, por exemplo, com o romance Hiroshima, que representa uma clara crítica ao esquecimento do mundo quanto ao horror da guerra, como se o episódio da bomba atômica tivesse sido simplesmente esquecido. No final da obra, Hersey escreve:

O pastor [um dos seis personagens da obra, que era um sobrevivente da bomba] comia demais. Levantava-se diariamente às seis da manhã e passeava durante uma hora com seu cachorrinho, Chiko. Estava diminuindo o ritmo. Sua memória, como a do mundo, começava a falhar (2002: 160).

Mas há uma forte presença de críticos que consideram a literatura, mais do que crítica social, como uma arte que transforma a linguagem cotidiana, quase a reinventando com alegorias, enfeitando com metonímias, sinestesias e combinando as palavras certas, nos momentos certos. Segundo Welck e Warren:

[A linguagem literária] abunda em ambigüidades, como qualquer outra linguagem histórica, está cheia de homônimas, de categorias arbitrárias ou irracionais, como o gênero gramatical, transita em acontecimentos históricos, memórias, associações; em uma palavra, é sumamente “conotativo”. As ainda, a linguagem literária pode ser meramente designativa. Tem seu lado expressivo [...] quer influir na atitude do leitor, persuadi-lo e, em última instância, fazê-lo mudar (1971: 27-28).

Autores como Luiz Costa Lima (2006), fortemente influenciado por Iser (1999), também parecem concordar com o conceito de literatura atrelado ao trabalho com a linguagem, pois a própria questão da ficção, para o autor é colocada nos seguintes termos: “[ficção] não é mentir, mas obscurecer o que dizem” (2006: 248). Esse obscurecimento é feito por meio de alegorias, que nada são do que o “saber” utilizar a linguagem.

De acordo com um dos representantes do formalismo russo, Roman Jakobson (1971), a literariedade de um texto depende da predominância da função poética. Dito de outro modo, entre as seis funções da linguagem possíveis, a função poética, que coloca o acento sobre o trabalho com a linguagem a fim de fazer com que a mensagem se volte para si mesmo, obrigando o seu receptor a tomá-la como fonte de significações

semânticas e fonte de fruição estética, ao mesmo tempo, é a que mais se identifica com a literatura. Além disso, como Jakobson constata, não é somente a presença da função poética que determina a literariedade do texto, mas sim a sua predominância, face às outras funções, devemos ter em mente que, portanto, é possível identificar o registro literário até em textos que originalmente pertencem a outras categorias.

O trabalho com a linguagem parece ser evidente na obra de Capote, por exemplo. Além das descrições, a linguagem agradável provém de um domínio bastante grande com a língua, além de um nível de dialogismo, segundo o conceito de Bakhtin [*apud* Proença Filho (2005)], e de intertextualidade, de acordo com Kristeva [*apud* Proença Filho (2005)], mais acentuado.

Nessa obra, como nas demais citadas, podemos notar a constante utilização das figuras de linguagem, como a metáfora presente no início da narrativa: “O sotaque local traz as farpas da pronúncia cortante da pradaria” (Capote, 2003: 21); ou “ainda existe fogo em seu interior, mas esse fogo só se mantém acessado alimentado pela lenha do desprezo e do ódio” (idem: 71).

É típico da metáfora trazer elementos de ambigüidade, nas palavras de Proença Filho (2005): a multissignificação, que é própria da linguagem literária, e justifica frases como: “Sujeira degenerada para mentes sujas e degeneradas” (idem, p. 396), que, apesar de poder ser pronunciada na vida real, é repleta de teor literário por seu caráter ambíguo e de multissignificação.

Outras formas tipicamente literárias também abundam no texto: a ironia – “‘Deve ser a noite mais longa de sua vida’. E Hickock riu e disse: ‘Não. Vai ser a mais curta’” (idem: 416); a antítese – “De longe e de perto...” (idem: 117); a sinestesia – “Era tomado por ataques de desamparo, por momentos em que ‘se lembrava das coisas’ – de um clarão azulado explodindo num quarto escuro” (idem: 147); as personificações – “olhos cinzentos e melancólicos” (idem: 69) ou “olhos sensíveis. Sensíveis, e algo mais: ‘malvados’” (idem: 208); a metonímia e o diminutivo – “a queridinha da cidade, Nancy” (idem: 25); a repetição – “pentear e pentear seus cabelos encharcados” (idem: 315).

Todas essas construções, segundo Barthes (1992), corroboram para a o sentido amplo de literatura que ele confere aos textos, ou seja, à capacidades que eles possuem de guardar “chaves” de significados por meio das palavras, das metáforas, das analogias etc. Essas chaves são importantes para os críticos desconstruírem a obra, embora cada um possa descobrir “chaves” diferentes em uma mesma obra.

Conclusão e metodologia

Este brevíssimo apanhado de uma parte da crítica literária sobre o conceito de literatura nos dá fundamentação teórica para afirmar o caráter literário do jornalismo-literário, embora a dissertação ainda esteja em fase de construção, falta-nos uma análise mais detida dos pensamentos de Antonio Cândido, entre outros críticos da literatura. A próxima etapa das pesquisas também será a de destrinchar um pouco melhor o conceito de ficção para autores como Umberto Eco (2002) e problematizar a questão com o conceito de jornalismo-literário para a literatura, algo que ainda é bastante recente e está em construção. Além disso, outros trechos dos romances-reportagens devem ser mais

explorados tendo em vista os conceitos de literatura, de trabalho da linguagem e de ficção. Assim, esse trabalho abre caminho para o estudo do conceito de jornalismo-literário, além de trabalhar com marcos desse “gênero” da literatura, como os livros de Hersey, Capote e Moraes, este último com um subgênero: a biografia.

Referências Bibliográficas:

- BARTHES, Roland (1992). *S/Z. Uma análise da novela de Sarrasine*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- CAPOTE, Truman (2003). *A sangue frio*. São Paulo, Companhia das Letras.
- ECO, Umberto (2002). *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo, Companhia das Letras.
- HERSEY, John (2002). *Hiroshima*. São Paulo, Companhia das Letras.
- HORÁCIO (1994). *Ars poetica*. Trad., notas e introd. de Dante Tringalli. São Paulo, Musa Editora.
- ISER, Wolfgang (1999). “O fictício e o imaginário”. In: VII COLÓQUIO UERJ. *Teoria da Ficção. Indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro, Editora da UERJ.
- JAKOBSON, Roman (1971). *Linguística e comunicação*. São Paulo, Cultrix.
- KUNCZIK, Michael (2001). *Conceitos de jornalismo*. São Paulo, EdUSP.
- LESSA, Ivan (2003). “Apresentação”. In: CAPOTE, Truman. *A sangue frio*. São Paulo, Companhia das Letras.
- LIMA, Edvaldo Pereira (1993). *Páginas ampliadas*. Campinas, Ed. Unicamp.
- LIMA, Luiz Costa (2006). *História. Ficção. Literatura*. São Paulo, Cia das Letras.
- MELO, José Marques de (2003). *Jornalismo opinativo*. São Paulo, Mantiqueira.
- MORAIS, Fernando (1994). *Olga*. São Paulo, Companhia das Letras.
- PROENÇA FILHO, Domício (2005). *A linguagem literária*. São Paulo, Ática.
- REED, John (2003). *Dez dias que abalaram o mundo*. São Paulo, Ediouro.
- WELLEK, René & WARREN, Austin (1971). *Teoria da literatura*. Rio de Janeiro, Biblioteca universitária e Publicações Europa-América.
- WOLFE, Tom (2005). *Radical chique e o Novo Jornalismo*. [posfácio: Joaquim Ferreira dos Santos]. São Paulo, Companhia das Letras.